

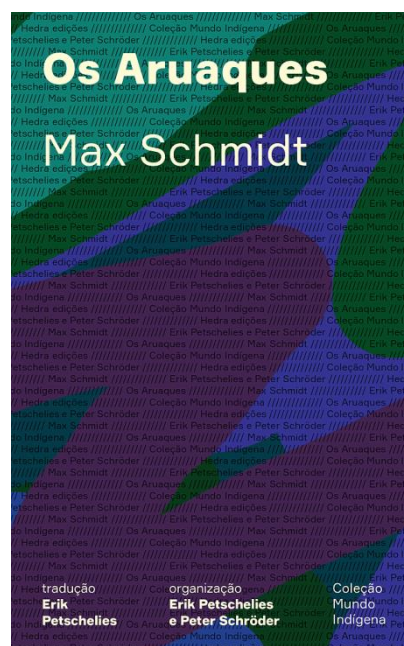
As pesquisas de Max Schmidt sobre as dinâmicas de expansão Arawak

MILENA SUÁREZ MOJICA 

Universidade de São Paulo | São Paulo, SP, Brasil

misuarezmo@usp.br

DOI 10.11606/issn.2316-9133.v31i2pe203614



SCHMIDT, Max. 2021. *Os Aruaques*. Tradução: Erik Petschelies. São Paulo: Hedra. 182 pp.

A obra *Os Aruaques* foi publicada pela primeira vez em 1917 e hoje é considerada uma obra de referência sobre estes grupos indígenas. Este livro surgiu como resultado da segunda tese de doutorado defendida por Max Schmidt na Universidade de Leipzig, no ano de 1916 – portanto, escrita durante a Primeira Guerra Mundial. Um século depois, Erik Petschelies e Peter Schröder organizaram esta edição publicada em 2021. Além da tradução, oferecem, nesta nova edição, um apêndice com três textos que apresentam o contexto da obra e de seu autor. O primeiro texto é um artigo escrito por Michael Krauss que insere a obra de Schmidt na etnologia alemã da época, a partir de elementos teóricos e metodológicos. Os outros dois são artigos biográficos escritos logo após a morte de Max Schmidt: um obituário redigido por Herbert Baldus e um texto curto escrito por Paulo de



e203614

<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v31i2pe203614>

Carvalho Neto, ambos apresentando aspectos da vida de Max Schmidt fora da esfera acadêmica: alguns detalhes desconhecidos de sua vida, as diversas áreas às quais se dedicou, suas publicações e seus últimos anos.

Max Schmidt (Hamburgo, Alemanha, 1874 – Assunção, Paraguai, 1950) formou-se em Direito, mas dedicou toda a sua vida ao estudo de vários grupos indígenas das terras baixas da América do Sul. Seus primeiros contatos com a etnologia datam de 1899, quando ingressou como voluntário no Museu de Etnologia de Berlim, onde trabalhou na seção americana, sob a direção de Karl von den Steinen (Schmidt, 1950). Ao longo da sua vida, Schmidt fez numerosas expedições em diversas regiões do Brasil e do Paraguai. Segundo Baldus (1951), a primeira expedição de Schmidt ao Mato Grosso aconteceu entre 1900 e 1901 e esteve marcada por inúmeros contratemplos. Apesar das dificuldades, durante este tempo "estudou os Bakairí, os Nahukúae e os Aueto assentados às margens do rio Kulisehu" (Baldus, 1951: 116); em 1910, retornou ao Mato Grosso e visitou os Guató e os Pareci; entre 1926 e 1928, passou um tempo entre os Bakairi, Waurá (Waujá), Kaiabi, Pareci, Iranche (Iranxe Manoki), Tamaindê, Nambikwara, Umutina e Guató. Posteriormente, em 1935, mudou-se para o Paraguai, onde fez uma expedição ao Chaco, visitando os povos Lzozó, Churupí, Guisnai, Matakó, Choroti, Tapieté e Chinguanó.

Para abordar a obra de Max Schmidt, é necessário contextualizar brevemente a família linguística Arawak, assim como alguns elementos próprios da etnologia do século XX. Segundo Florido (2008), a família linguística Arawak possui a maior extensão do continente. Os grupos dessa família estão presentes em uma vasta região da América Latina e o Caribe. É possível encontrá-los em países como Honduras, Belize, Colômbia, Brasil, Venezuela, Guiana Francesa, Peru e Bolívia. Alguns dos grupos dessa família linguística são: Garífuna, Goajiro (Wayuu), Lokono, Wapixana, Palikur, Kurripako, Baniwa, Warekena, Baré, Pareci, Enawenê-nawê, Mehínaku (Mehinako), Yawalapiti, Terena, Kinikinau, Piro, Amuesha, Baure e Saraueka, entre muitos outros. A intenção não é a de citar todos os grupos, e sim chamar a atenção para as dimensões do território que esses grupos ocupam. Daí decorre, em grande parte, o interesse acadêmico em compreender as origens, inter-relações e dinâmicas de expansão dessa família, que iniciou com os pesquisadores alemães que chegaram ao continente americano no final do século XIX.

Michael Krauss, no texto intitulado "Caminhos Próprios. As investigações de Max Schmidt" (2021), apresenta o contexto no qual se enquadra a obra do autor. Trinta anos antes do início da Primeira Guerra Mundial, foram realizadas muitas expedições pelo Amazonas por pesquisadores alemães, pioneiros nessas missões, dentre os quais, além do próprio Max Schmidt, se encontram Karl von den Steinen, Paul Ehrenreich, Hermann Meyer, Theodor Koch Grünberg e Konrad Theodor Preuss. As expedições tinham como objetivo coletar informações sobre aspectos da vida e da cultura material dos diversos povos que habitavam a Amazônia naquela época. Grande parte dessas primeiras expedições foi mediada pela formação de coleções etnográficas que, além de fornecerem importantes elementos de estudo, significavam também recursos econômicos após sua venda, o que

fazia possível sustentar tais expedições. Krauss afirma que a mediação dos museus alemães tinha um papel ambivalente na medida em que, da mesma forma que facilitava as viagens, também limitava, até certo ponto, os períodos de estadia junto aos grupos indígenas, assim como os interesses acadêmicos dos expedicionários.

Além do acúmulo de peças etnográficas, os relatos dessas viagens e os resultados das pesquisas realizadas foram apresentados como elementos que abriram caminhos para que novos pesquisadores adentrassem na Amazônia. Naquela época, havia uma grande preocupação com a origem e a gênese histórica dos grupos indígenas. As abordagens dos diversos pesquisadores giravam em torno de duas teorias principais, o difusionismo e a doutrina dos círculos culturais. De acordo com Krauss, para vários pesquisadores como Konrad Theodor Preuss e Max Schmidt, estas teorias eram problemáticas na medida em que teciam grandes relações sem a suficiente informação empírica, desconhecendo os contextos regionais dos grupos em questão. Por outro lado, Schmidt também assegurou que essas teorias careciam de estudos sociológicos detalhados, pois naquela época a cultura material era o centro das atenções, sendo necessário o aprofundamento nos estudos de outros aspectos da vida destes grupos.

Nesse contexto, *Os Aruaques* surgiu como a busca de um caminho alternativo às teorias da época, pois o autor acreditava que a teoria dos círculos culturais era insuficiente para compreender a complexidade dos contextos estudados. Segundo Krauss, Schmidt defendia a inclusão de aspectos sociológicos e econômicos na pesquisa, promovendo uma integração interdisciplinar que buscava transcender os limites impostos pela consideração exclusiva dos elementos linguísticos. De fato, os interesses acadêmicos de Schmidt estavam voltados para a dinâmica cultural dos Arawak, não só para sua origem, e, justamente por esse motivo, os aspectos sociológicos foram de grande importância para o autor.

À luz desse contexto geral, o eixo central do livro escrito por Max Schmidt repousa na compreensão da dinâmica de expansão dos grupos Arawak a partir da consideração de aspectos sociológicos e econômicos. De acordo com Schmidt, “a expansão das culturas Arawak não pode ser deduzida de simples migrações de grupos populacionais mais ou menos compactos, que ou invadiram regiões desocupadas ou que, desagregaram violentamente a população anterior” (Schmidt, 2021: 125). Assim como a diversidade dos diferentes grupos Arawak também não pode ser deduzida da transformação de uma população original homogênea. Dessa forma, aspectos como as motivações que levaram à expansão, os meios utilizados e as múltiplas relações que foram tecidas com outras culturas são aspectos centrais da pesquisa. Levando isso em consideração, nos aprofundaremos nos principais argumentos que o autor descreve ao longo do livro, composto por sete capítulos.

O ponto de partida proposto relaciona-se com a necessidade de compreender os modos de expansão das culturas Arawak. Isso é fundamental na medida em que, ao negar a existência de uma única migração populacional em massa, como se acreditava até então, entende-se que o processo foi dado por uma série de fluxos culturais contínuos. Segundo o autor, há uma diversidade cultural individual dos grupos Arawak fruto do

desenvolvimento histórico, de condições particulares e, nesse sentido, a pesquisa linguística, por si só, não dá conta da complexidade desses processos. Schmidt afirma que “não é possível supor que as conexões ou relações culturais também coincidam com aquelas do parentesco linguístico” (2021: 38).

O autor sustenta essa hipótese ao afirmar que “nem sempre a aquisição de línguas arawak precisa estar associada a elementos culturais importantes das culturas Arawak” (2021: 44). Nesse ponto, vale a pena citar dois exemplos significativos, o primeiro deles na região do Alto Xingu e os quatro principais grupos que a compõem, pois, apesar das diferenças, formam uma área cultural comum. No segundo exemplo temos o Alto Rio Negro e as muitas semelhanças entre os Arawak e os Betoya. Em ambos os casos, os Arawak agiram como doadores culturais. Outro elemento importante oferecido nesta discussão concentra-se na criação de línguas francas gerais e na forma pela qual, em vários casos, substituíram os dialetos arawak de algumas tribos. Em relação a essas línguas francas, encontra-se o caso particular do Uaupés onde, apesar da superioridade cultural dos Arawak, o Tukano é usado como língua geral. Estes exemplos mostram que, apesar do aspecto linguístico ser fundamental, esse não deve ser considerado o único critério de classificação ou compreensão destes fenômenos.

Levando em conta essas considerações sobre as limitações dos estudos de parentesco linguístico para compreender a complexidade da expansão desses grupos, o autor explora outros caminhos possíveis com o objetivo de compreender as forças que determinaram a expansão do território Arawak. Um ponto em comum a todos é a agricultura. Ela está diretamente relacionada com o fenômeno do sedentarismo e com as sérias implicações, em termos de perdas materiais, que derivam de ter de perambular de um lugar para outro. O cultivo de mandioca e milho demanda, além de terras apropriadas, longos períodos de maturação dos frutos e um número variado de artefatos para o processamento dos alimentos.

Segundo Schmidt, foram justamente as condições econômicas as que exerceram a principal influência na expansão cultural dos Arawak. O desenvolvimento da agricultura implicou a necessidade de ter acesso a terras adequadas, conseguir mão de obra para amenizar o trabalho e a obtenção, o mais cômoda possível, dos melhores meios de produção. Daí a busca por novos territórios habitados por outros grupos que pudessem ser incorporados para atender à crescente necessidade de ampliar a força de trabalho.

Sendo a agricultura o que promoveu a expansão dos grupos, é preciso entender quais foram os meios pelos quais os Arawak alcançaram tal supremacia. Nesse ponto, o autor afirma que os grupos Arawak se relacionavam com os vizinhos, criando uma relação de dependência. Segundo Schmidt, a partir do que seria “a pulsão da aquisição”, a humanidade estaria dividida em dominadores e dominados (Schmidt, 2021: 73). De tal forma que os Arawak assumiram a condição de dominadores, garantindo por meio de sua expansão a satisfação tanto das necessidades vitais do seu grupo quanto àquelas dos

dominados que estavam incorporando. Essas formas de relacionamento deram origem a uma classe senhorial ou dominante e a uma classe dependente.

O casamento com membros de outros grupos foi, também, um dos principais meios de expansão utilizados. Essas alianças aconteceram por meio de relacionamentos tanto pacíficos quanto violentos. O rapto de mulheres e crianças, por exemplo, aparece como uma prática comum entre os diversos grupos Arawak. Dentro das diversas formas de aliança entre grupos destacam-se elementos importantes, como o direito materno, sendo os filhos propriedade da mãe, a residência uxorilocal e, quando eram as mulheres que iam morar na casa do homem, a couvade.

As múltiplas relações dos grupos Arawak com seus vizinhos deram origem a uma ampla gama de diferenças dialetais, bem como diversas trocas de bens culturais. Os familiares, tanto das mulheres que saíam de suas casas quanto dos homens que moravam com os sogros, motivavam constantes visitas entre parentes, onde hóspedes e anfitriões se presenteavam com diversos objetos e bens. Outros momentos de reunião entre os grupos eram os ritos funerários e as festas cerimoniais. A realização de festas ativava diversas redes de caminhos ao longo de um vasto território conectando grupos e famílias dispersas. Sobre este último ponto, Schmidt destaca a existência de festas de máscaras nas duas principais áreas de aculturação Arawak: Xingu e Alto Rio Negro. Muitas destas festas possuíam instrumentos, como flautas, associadas aos demônios serpentes e estavam vedados às mulheres e às crianças. De fato, o autor apresenta uma sugestão sobre o impacto dos grupos Arawak dentro das representações mitológicas, dos petróglifos e das festas.

Outro ponto central é o entendimento do que seria a essência da expansão Arawak. De acordo com os postulados expostos pelo autor, a expansão dos diversos grupos deve ser vista como um processo de colonização que ocorreu a partir do movimento e da repetição de diversas ondas culturais. O que apresenta uma dinâmica que se coloca em oposição direta às formulações que argumentavam sobre uma única emigração, ou de um único avanço de uma população fechada. A diversidade dos dialetos, assim como as variações de escala ao interior dos grupos, corresponde, efetivamente, a movimentos lentos de diversos grupos por uma ampla região. Em oposição à ideia da modificação de uma única população original. De fato, dentro desses múltiplos movimentos temos, por exemplo, populações que eram originalmente Arawak e perderam seus traços culturais por influência de outros grupos. Como já foi mencionado anteriormente, o poder da classe dominante, seguindo as palavras do autor, está centrado em aspectos econômicos e culturais, mais que políticos.

Os grupos Arawak mantinham relações sociais com diferentes grupos nos mais diversos lugares, razão pela qual o autor se interessa em compreender como essas relações operavam. Sobre esta questão existem dois elementos centrais: o primeiro deles versa sobre as relações estabelecidas com outras culturas, denominadas por Schmidt como “mais elevadas”, entendendo por isso as culturas pré-colombianas e a europeia, e o segundo trata das formas de relação com aquelas culturas que “se encontram no mesmo patamar” (Schmidt, 2021: 103), como, por exemplo, Tupi, Guaraní e Karib. Em relação ao primeiro

ponto enunciado, destacam-se as relações estabelecidas com os europeus e como, a partir delas, foram obtidas uma série de vantagens que contribuíram para a dominação dos demais grupos. Da mesma forma, observa as interações com as culturas peruanas do Altiplano e como, apesar da troca de bens culturais, os Arawak não foram dominados por essa cultura dos Andes.

Finalmente, a discussão concentra-se nos bens culturais individuais e na influência que sobre eles exerceu a expansão dos grupos Arawak. Percebe-se como essa lenta expansão, em ondas repetidas e sobrepostas, gerou vários tipos de relações e intercâmbios em uma vasta região, promovendo, assim, o contato entre múltiplos grupos. Os bens culturais individuais de cada um dos grupos foram influenciados no âmbito destas relações. No entanto, Schmidt propõe dois níveis de análise para compreender a influência sobre os bens culturais. Em primeiro lugar, há um grupo de bens cuja transformação é do interesse do grupo dominante e, em segundo lugar, encontram-se aqueles que podem permanecer inalterados ou que recebem influência indireta. Essa abordagem explicaria a razão da diversidade de bens dentro dos grupos, apesar do domínio cultural dos grupos Arawak.

Entre os bens que foram diretamente influenciados pelo domínio Arawak, temos a agricultura e os diversos utensílios associados a esta prática e ao processamento de alimentos fundamentais, como a mandioca e o milho. Dentro daqueles bens do segundo grupo estão alguns como as redes de dormir e as flautas, só para citar alguns exemplos. Agora, sem aprofundar muito na complexidade que envolve a diversidade destes variados bens, o ponto mais importante é justamente que o processo de expansão arawak não deve ser tratado como uma uniformidade totalizante, pois ele está repleto de nuances. As trocas que os grupos Arawak estabeleceram com os Tukano do noroeste amazônico foram diferentes àquelas estabelecidas com os grupos do Xingu, só por citar um exemplo.

A obra de Max Schmidt que acaba de ser apresentada é um referente na medida em que foi uma das primeiras pesquisas sistemáticas e comparativas sobre a família linguística Arawak. Alguns pontos importantes a destacar dizem respeito à preponderância que o autor atribui ao trabalho de campo e aos dados empíricos como determinantes na compreensão da complexa rede de conexões e transformações entre os grupos estudados. Seguindo as palavras de Bossert e Villar, pode-se perceber que a obra de Schmidt "está à frente de seu tempo porque concebe os grupos Arawak como sociedades essencialmente mistas, híbridas, mestiças, em última instância distantes do tipo ideal 'um grupo étnico= um território= uma cultura' que mais tarde seria contestada pelas ciências sociais modernas" (2019: 17).

Esse ponto é central na medida em que contribui aos debates sobre a relação entre língua e cultura assim como às múltiplas discussões que têm ocorrido sobre os conceitos de famílias linguísticas e áreas culturais como elementos de compreensão dos grupos em questão (Hill; Granero, 2002). Citando apenas um exemplo, Santos Granero (2002) parte de algumas ideias de Schmidt e propõe a existência do que seria um *ethos* Arawak que reuniria os principais pontos em comum dos grupos, apesar da distância temporal e

geográfica que os separa. Durante as últimas décadas foi feita uma enorme quantidade de pesquisas sobre os grupos Arawak com foco em vários tópicos, tais como sistemas rituais, rotas de migração, mitos, comércio regional, entre outros, que por motivo de espaço não serão aqui tratadas. Por fim, é importante mencionar, brevemente, que algumas noções propostas por Schmidt, como o que ele denominou como "pulsão de dominação" e a formação das classes senhoriais e dominadas, são pontos que geraram polêmica ao longo dos anos e que, segundo Schröder (2021), terão que ser vistos à luz de pesquisas novas e mais detalhadas.

Referências Bibliográficas

- BALDUS, Herbert. 1951. Max Schmidt 1874-1950. *Revista do Museu Paulista*, Nova Série, vol. V: 253-260
- BOSSERT, Federico; VILLAR, Diego. Una vida antropológica: biografía de Max Schmidt. *Bérose - Encyclopédie internationale des histoires de l'anthropologie*, Paris, IIAC-LAHIC, CNRS/ Ministère de la Culture, 2019.
- FLORIDO, Marcelo. 2008. *As parentológicas Arawá e Arawak: um estudo sobre parentesco e aliança*. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- HILL, Jonathan D.; SANTOS-GRANERO, Fernando (Ed.). 2002. *Comparative Arawakan histories: rethinking language family and culture area in Amazonia*. CIDADE: University of Illinois Press.
- SCHMIDT, Max. 1955. "Autobiografia de Max Schmidt". *Revista de Antropologia*, vol. 3, n. 2: 115-124.
- SANTOS-GRANERO, Fernando. 2002. "The arawakan matrix: ethos, language, and history in native South America". In: J. D. Hill & F. Santos Granero (orgs.), *Comparative arawakan histories: rethinking language family and culture area in Amazonia*. Urbana: University of Illinois Press. pp. 25-50.

sobre a autora

Milena Suárez Mojica

Antropóloga pela Universidade Nacional de Colômbia (Bogotá, Col.). Mestranda no Programa de Pós-graduação em Antropologia Social PPGAS-USP. Trabalha na área de etnologia.

Autoria: A autora é responsável pela sistematização e síntese das informações apresentadas ao longo do texto, bem como por sua escrita.

Financiamento: Não houve financiamento.

Recebido em 24/10/2022.

Aprovado para publicação em 08/12/2022.